

## **Relatório - Missão de Pesquisa no Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani**

**13 a 28 de junho de 2024**

Durante meu período de pesquisa junto ao Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani, tratei de fazer principalmente um levantamento bibliográfico a respeito dos eventos históricos que estão por trás do romance *La estirpe*, de Carla Maliandi, publicado em 2021 na Argentina e traduzido como *A estirpe*, em 2023, no Brasil.

A trama do romance envolve uma escritora e acadêmica, Ana, que perde a memória depois de um acidente na sua festa de aniversário de 40 anos. Na época do acidente, Ana estava escrevendo um romance ambientado na conquista do Chaco na década de 1870, território que a Argentina divide com o Paraguai. Na obra de Maliandi, a protagonista é tataraneta de um músico da orquestra do exército argentino e, em meio ao conflito com indígenas da etnia toba, “resgata” uma menina que batiza de María e leva para viver com sua família. As intenções de Ana, com seu romance, inicialmente era escrever sobre esse episódio da vida do avô, mas sua participação no massacre de indígenas e o subsequente sequestro de María, tornam-se suas preocupações centrais.

A perda de memória de Ana abre margem para o elemento sobrenatural do romance. Na medida em que Ana não lembra do nome do próprio filho, de seu afeto pelo marido e pela mãe, suas memórias são atravessadas por imagens vinculadas ao que estava escrevendo. Em dado momento, começa a falar num idioma que nenhum de seus familiares compreendem, mas que, no grupo em que faz terapia ocupacional, descobre que Qom, idioma falado pelos toba, no Chaco. Dessa forma, a história “reprimida” da Argentina encontra forma de vir à tona.

Para entender que lugar a conquista do Chaco ocupa na historiografia argentina, tive de reler clássicos sobre a formação do Estado-nacional argentino, como *Una nación para el desierto argentino* (1982), de Tulio Halperín Donghi, bem como os trabalhos recentes de Carla Lois sobre a formação do Instituto Geográfico Argentino e sua relação com a apropriação do território chaqueño, entre o final do século XIX e o início do século XX.

Dessa forma, no marco do meu atual projeto de pesquisa, posso estabelecer relações entre esse romance e outros que também associam o genocídio ameríndio com a formação de instituições científicas, tais como institutos e museus. Entre elas, obras que tenho analisado recentemente no marco de meu projeto, como *Huaco Retrato*, da peruana Gabriela Wiener, e *O som do rugido da onça*, de Micheline Verunschik.

No período que estive em Buenos Aires, pesquisei na Biblioteca Nacional, na Biblioteca do Instituto Ravignani e na Biblioteca del Congreso. Também usei o tempo e a bibliografia disponível

para terminar o texto que será apresentado na Mesa Temática 129- El desarrollo museístico historicista: colecciones y problemas (Siglos XIX-XXI), coordenada por María Elida Blasco, María Silvia di Licia e Mariana Sirimarco nas XIX Jornadas Interescuelas-Departamentos de Historia, a ocorrer na Universidad Nacional de Rosario, entre os dias 18 e 20 de setembro deste ano. Com base em minhas leituras, também submeti um resumo de trabalho a ser apresentado no XV Seminario Internacional Políticas de la Memoria, que se realizará entre os dias 17 e 19 de outubro, no Centro Cultural Haroldo Conti, em Buenos Aires, com a temática de arquivos, reflexões e testemunhos.

No final do meu período de pesquisa na biblioteca, mantive reuniões com o Prof. Fabio Wasserman e participei da reunião do Seminario Oscar Terán de Historia Intelectual, onde tive a oportunidade de entrar em contato com outros pesquisadores interessados na história das ideias e nas representações do século XIX na literatura, entre eles a Prof. Alejandra Laera, diretora do Instituto de Literatura Argentina Ricardo Rojas, da Universidad de Buenos Aires, com quem agendei reuniões para futuras colaborações.